

ESTUDO SOBRE A IMPLEMENTAÇÃO DAS LEIS 10.639/03 E 11.645/08 NA PRODUÇÃO DO (LDLP) PARA O ENSINO DA LEITURA LITERÁRIA

John Santos de Souza²⁰

CAMINHOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS DA PESQUISA

Esta proposta de pesquisa se propõe a pensar de que forma a escola básica considerou os estudos das linguagens, principalmente o ensino da literatura para a formação leitora dos estudantes, tendo como base de análise a implementação de duas coleções de livros didáticos disponibilizadas para as escolas públicas. Busca-se aqui compreender como as referidas coleções priorizam o ensino de literatura; quais foram os autores eleitos; como as representações identitárias do país – especialmente, a negra e a indígena - são apresentadas e por fim, de que forma os temas transversais de gênero, sexualidade e etnia ocupam espaços de discussão no campo de ensino das linguagens.

A metodologia para o desenvolvimento deste projeto será de cunho qualitativo e caráter bibliográfico, em que, se buscará a princípio, investigar como se deu a formação da historiografia da literatura brasileira que veio, dessa forma, influenciar a visão não somente da crítica das obras literária, mas do estudo realizado na educação básicas das escolas.

²⁰ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural, Universidade do Estado da Bahia (Pós-Crítica/UNEB), linha de pesquisa Letramento, Identidade e Formação de Professores. Orientadora: Prof. Dra. Maria de Fátima Berenice da Cruz. Endereço eletrônico: johnsantosdesouza@yahoo.com.br.

Destaque-se que este projeto de pesquisa passou por reformulações desde que foi aprovado pela banca na seleção do mestrado do Pós-Crítica, passando pelos comentários e sugestões na apresentação feita no Seminário Interlinhas e conversas e orientações da professora Dra. Maria de Fátima Berenice da Cruz. No Interlinhas, o projeto tinha como temática “Educação Literária Escolarizada: A Formação de leitores no Ensino Médio”, mas, após o evento e seguido por conversas com a orientadora, foi alterado.

Em frente ao exposto, esta dissertação irá se propor a fazer dois movimentos. Primeiramente, fazer análise sobre os estudos da formação do leitor hoje, em que se investigará o que os pesquisadores deste campo do letramento têm observado e inquirido sobre tal temática. E, logo em seguida, far-se-á observação, análise e perquirição nos livros didáticos que serão selecionados. Livros, esses, que sejam distribuídos na cidade de Alagoinhas, em que se buscará perceber como está sendo constituída a formação de leitores e a sua relação a aplicabilidade das leis 10.639/03 e a 11.645/08 .

Assim, a partir da leitura atenta e exame dos documentos legislativos no Brasil voltados a educação, bem como, do arcabouço teórico para constituição do estado da arte de perspectiva Crítica e Pós-Crítica e por último, produção de um texto dissertativo que possa discutir a exequibilidade dos programas de leitura literária para ensino médio (especificamente, os livros didáticos), procurar-se-á perceber como a escola tem trabalhado com a leitura literária.

As técnicas utilizadas ao longo da pesquisa serão: leitura, fichamento, resenhas, escritas e reescritas de textos que serão ao longo da pesquisa apresentados em congressos, simpósios e seminários internos ao Programa.

Dois autores – trabalhados ao longo do componente Metodologia da Pesquisa em Crítica Cultural – ajudam a pensar as

perspectivas que serão seguidas no desenvolvimento deste trabalho, a saber, Derrida (2001) e Bachelard (1996). O primeiro por trazer uma noção de “signo” que vai além de um olhar meramente dicotômico; ele traz a potência do signo. O segundo ajuda a compreender como o ato de conhecer, dentro da pesquisa científica, não é fechado em si mesmo, mas alarga ainda mais as inquietações do pesquisador e aponta para uma autoatualização na medida em que essa pesquisa engajada está em andamento.

DERRIDA E A PERSPECTIVA DO “SIGNO”

Em seu texto *Semiologia e gramatologia*, em que Julia Kristeva entrevista Derrida, a entrevistadora começa com uma afirmação em que diz que "a semiologia se constrói de acordo com o modelo do signo e de seus correlatos: a comunicação e a estrutura"(Derrida, 2001, p.23), e pergunta ao entrevistado quais os limites e as bases deles, os quais não fogem da metafísica; ao que Derrida responde que a pergunta apresenta pontos equivocados. Não há como fugir da metafísica. O signo, seguindo tal perspectiva, apresentará "um freio e, ao mesmo tempo, um progresso"(Derrida, 2001, p.23). O signo, para Derrida, se apresenta em dois movimentos: ele sofre deslocamento nas suas implicações e ao mesmo tempo é instrumento de implicações de sentido dentro dos limites de tal sistema. (Derrida, 2001, p.23)

Para Derrida, a semiologia em Saussure, apresenta dois papéis: (i) "ela enfatizou, contra a tradição, que o significado é inseparável do significante, que o significado e o significante são duas faces de uma única e mesma produção" (Derrida, 2001, p.24). (ii) Em destacar que as características que apontam diferenças na maneira como se dá os aspectos semiológicos deixam claro que é "impossível que o som, elemento material,

pertença, ele próprio, à língua" e que, "em sua essência, ele [o significante linguístico] não é nada fônico" (Derrida, 2001, p.24).

"Ora, a "língua usual" não é inocente ou neutra. Ela é a língua da metafísica ocidental e transporta não somente um número considerável de pressupostos de toda ordem, mas pressupostos inseparáveis e, por menos que se preste atenção, pressupostos que estão enredados em um sistema."(Derrida, 2001, p.25)

Derrida apresenta uma problemática, em relação a noção de significado e significante trazida por Saussure, embora o linguista tenha tentado fugir da noção clássica que colocava em destaque os aspectos fonológicos, acaba por reproduzir algumas de suas acepções. Logo, a "problemática [está] em sua própria raiz" (Derrida, 2001, p.26), pois, na medida em que a ideia de significado se equivale em algum sentido ao significante, possibilita um "significado transcendental"(Derrida, 2001, p.26) tornando a diferença entre significado e significante pouco eficiente, já que ambos estarão ligados ao pensamento histórico do funcionamento da própria língua e seu sistema metafísico.

BACHELARD E A NOÇÃO DE OBSTÁCULO EPISTEMOLÓGICO

Em seu texto intitulado "A noção de obstáculo epistemológico: Plano da obra", Bachelard inicia dizendo que ao se buscar quais "as condições psicológicas do progresso da ciência" se compreenderão que são a partir dos obstáculos científicos que se obterão algumas conclusões importantes.

Não se deve, dessa forma, tentar achar tais "obstáculos" externamente desse conhecimento, nem mesmo aspectos complexos ou fugazes que talvez venha ser encontrados. Na verdade, de acordo com o autor, é na essência do "próprio ato de conhecer" que surgirá "uma espécie de imperativo funcional,

lentidões e conflitos" (Bachelard, 1996, p. 17). Seguindo tais premissas, se poderão alcançar causas que são inerentes a situações dessas ações, tanto para as revelações de estagnações, como também da detecção de inercias, a isso o autor irá chamar de "obstáculos epistemológicos" (Bachelard, 1996, p. 17).

"[...] é no âmago do próprio ato de conhecer que aparecem, por uma espécie de imperativo funcional, lentidões e conflitos. É aí que mostraremos causas de estagnação e até de regressão, detectaremos causas de inércia às quais daremos o nome de obstáculos epistemológicos."(Bachelard, 1996, p. 17)

Gaston Bachelard destaca, também, que o conhecimento do real, ainda que venha ser não muito claro, pode ser caracterizado como (i) reflexo de sombras; (ii) não é pragmático, muito menos pleno; (iii) é imprevisível, porém, possui sempre a possibilidade de ser pensado e refletido pelo sujeito. Em meio a isso, o autor acrescenta que "o pensamento empírico se torna claro depois" que "o conjunto de argumentos fica estabelecido" (Bachelard, 1996, p. 17). Já o conhecimento empírico, como algo que tem seu significado dado a partir da experiência, ganha, portanto, potência, a partir do momento que o conhecimento de mundo não pode ser afastado do ato de criação do sujeito ante as circunstâncias que ele vivenciou.

Mas, que não se pense que isso se dará de maneira inofensiva, infere-se, pelo que escreve o já citado autor, que é pelo confronto do que já se conhece diante dos conhecimentos novos que vão surgindo - destruindo o anterior - que, ocorrerá "o ato de conhecer" (Bachelard, 1996, p. 17).

Embora "diante do real, aquilo que cremos saber com clareza ofusca o que deveríamos saber" (Bachelard, 1996, p. 18), está de acordo com a ciência, para Bachelard, significa renascer de forma espiritual e abrir-se para uma mudança profunda que irá

trazer um confronto com o conhecimento passado. Logo, o "espírito científico" se caracterizará (i) por proibir que o indivíduo opine sobre coisas que desconhece de forma clara; (ii) faz-se necessário a boa formulação de problemas, mas de maneira que não seja banal; (iii) o verdadeiro conhecimento científico não surge espontaneamente, mas sim a partir de uma pergunta. São as perguntas que trarão possibilidade de questionamentos que serão investigados (Bachelard, 1996, p.18). Como bem salienta, "um obstáculo epistemológico se incrusta no conhecimento não questionado. Hábitos intelectuais que foram úteis e sadios podem, com o tempo, enterrar a pesquisa" (Bachelard, 1996, p. 19).

Segundo o autor, o "crescimento espiritual" advém com o intuito do indivíduo em preservar o desejo por não se acostumar com as ideias mais fáceis a respeito das coisas. A mente costuma valorizar aquilo que é mais fácil de assimilação e na medida em que estas ideias tomam força, começa a se normalizar na mente tornando-se irresistível guardá-la e assim ficar presa a ela. (Bachelard, 1996, p. 19). Bachelard acrescenta que "Quando o conhecimento empírico se racionaliza, nunca se pode garantir que valores sensíveis primitivos não interfiram nos argumentos" (p. 19).

O avanço científico faz com que exista uma exigência quase que natural que "o homem" busque constante atualização. Busque mudança: "a invenção científica exige, o homem torna-se uma espécie mutante, ou melhor, dizendo, uma espécie que tem necessidade de mudar, que sofre se não mudar" (Bachelard, 1996, p. 20).

DESENVOLVIMENTO DO TEMA DO TRABALHO

Este projeto de investigação científica busca analisar como aparece o ensino de literatura em sala de aula a partir de uma

perquirição cuidadosa no/a partir do livro didático. Diante disso, dois movimentos podem ser destacados: o olhar sobre a prática docente e o outro o olhar para o material didático que serve de base para ensino e aplicações de metodologias da língua.

O docente, embora possa utilizar de diversos instrumentos em sala de aula – desde equipamentos tecnológicos como slide, Smart TV's, computadores até mesmo smartphones – ainda usa o livro didático como instrumento de grande valor, tanto para elaboração de como apresentará o conteúdo que ministrará em aula até a organização do seu Plano de Curso e Plano de Aulas. Logo, faz-se necessário um olhar sobre as formas de aplicação das atividades literárias que esse docente está fazendo e o (s) livro (s) que está utilizando.

Como já citado neste trabalho, Bachelard (1996) elenca os obstáculos que podem suceder (ou melhor, acontecer) em determinadas perspectivas de pesquisas científicas, mas também, o teórico acrescenta um dos fatores que acontece a partir do avanço científico, o desenvolvimento e crescimento de pesquisas científicas contribuem para estimular a necessidade de autoatualização. Investigar a relações que se dá entre práxis docente, livro didático e ensino de literatura contribuirá para ajudar o professor de língua portuguesa em suas metodologias de ensino de obras literárias.

Como argumenta Cruz (2012, p. 19), "pensar a literatura na escola é antes de tudo acreditar que ela contribuirá para a construção e conseqüentemente a formação dos estudantes numa perspectiva humanizadora e libertária", logo, refletir sobre o ensino literário possibilita ao estudante o pensar literatura não apenas como entretenimento, mas como potência de criação de novas concepções a respeito de si e, por conseguinte, da sociedade ao seu redor.

A presente proposição de estudo científico vêm de inquietações desenvolvidas nos últimos quatro anos de pesquisa sobre o livro didático na Iniciação Científica. Nesse trabalho desenvolvido na IC, pude notar uma escassa presença de estímulos a leituras de autores negros (as); mas, também, de forma geral, uma desigual atenção dada em livros didáticos a relação pedagógica no que diz respeito a Recepção do texto, a produção textual e à mediação de questões da atualidade, que toca de forma imediata o (a) estudante – pois, o atrai e o motiva a seguir aprofundando-se no ensino – e questões voltadas a representação de si.

Em vista disso questiona-se: é possível dizer que o ensino básico e seu aporte didático propõem de fato algo novo para o ensino literário nas escolas brasileiras? Estimulam a aplicação da lei 10. 639/03 e a 11. 645/08? O material didático que ele inaugura está em diálogo com as práticas sociais dos estudantes do terceiro milênio? Em que sentido a Crítica Cultural pode contribuir sobre debates a respeito do ensino literário nesses itens tão importantes no meio educacional brasileiro? Pois como afirma Bittencourt, "o interesse que o livro didático tem despertado e as celeumas que provoca em encontros e debates demonstra que ele é um objeto de 'múltiplas facetas' e possui uma natureza complexa" (2010, p. 71). Investigar como se dar a complexidade do livro didático no ensino literário na educação básica, em coleções de material pedagógico distribuídas às escolas públicas se faz de grande necessidade para se pensar a natureza do ensino da língua, e sua conseqüente importância para a nova geração de adolescentes e jovens brasileiros nativos digitais.

Não se pode esquecer que "o livro didático é, antes de tudo, uma mercadoria, um produto do mundo da edição que obedece à evolução das técnicas de fabricação e comercialização pertencentes à lógica do mercado" (Bittencourt, 2010, p. 71), portanto, cabe perguntar: a quem ou ao que interessa a forma

como ideologicamente são apresentados ou privilegiados determinados autores (as) em detrimentos de outros (as).

A BNCC reconhece a importância de "fortalecer a autonomia" dos discentes criando situações, além de instrumentos que possam estimular que estes estudantes venham a pensar "criticamente" (BRASIL, 2018, p. 60). Todavia, faz-se necessário pensar o que é esse "criticamente" e como ele se relaciona com o ensino de literatura. Pois, como aponta Fanon (2008, p. 145), especificamente sobre uma sociedade colonizada, o importante não é apenas apontar os fatos encontrados nas representações que aparecem nas literaturas oficiais, mas perceber os sentidos que elas apresentam e suscitam em seus leitores.

Assim sendo, em consonância com Kleiman (2001, p. 48-49), para que cursos de formação de professores sejam transformados – consequentemente impactando os novos professores que atuarão na educação básica – a pesquisa científica na área concernente a letramentos possui grande relevância. Pois, dependendo do objeto que esse trabalho científico tenha, produzirá questionamentos a respeito dos pressupostos que está baseado.

O objetivo geral deste trabalho – e ao longo do desenvolvimento desta investigação científica - é examinar a Coleção de livros didáticos, para verificar como a organização didático-pedagógica do material favorecerá ao estudante a compreensão e uso das diversas linguagens (por exemplo, a literatura) como fatores de promoção da sua emancipação intelectual de leitor e para sua vida profissional.

Analisar as práticas voltadas para leitura literária escolarizada nas aulas de Língua Portuguesa e Linguagens para o ensino possibilita abrir espaços para refletir não somente como a

literatura é trabalhada nos materiais didáticos e as ideologias opressoras que as atravessam, mas pensar metodologias que auxiliem docentes mais antigos, bem como aqueles que estão chegando para atuar na escola, que os ajudem a oferecer uma educação mais inclusiva, crítica e emancipadora.

RESULTADOS ESPERADOS

Espera-se com o resultado do projeto poder contribuir, entre outras áreas, apresentando uma dissertação que analise a relação livros didáticos, aplicação da lei 10.638/03, a lei 11.645/08 e um ensino emancipatório de Literatura. No qual, se procurará perceber se as metodologias de letramento, neles encontradas, estimulam uma pedagogia dialógica com a vida do sujeito aprendente e crítica. Apresentar reflexões sobre formação de professores na Universidade e como esse novo discente pode lidar com os novos livros didáticos e as orientações dadas na BNCC. De maneira a não perpetuar políticas de silenciamentos daqueles que são/estão considerados a margem da sociedade.

REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston. *A noção de obstáculo epistemológico: Plano da obra. A formação do espírito científico: contribuição para uma psicanálise do conhecimento*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996, p.17-28.

BRASIL. *Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, 2018

BRASIL. *Ministério da Educação. Novo ensino médio: perguntas e respostas*. Brasília, DF, 2022. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/component/content/article?id=40361>. Acesso em: 15 out. 2022

BRASIL. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDB. 9394/1996*. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 15 out. 2022

BITTENCOURT, Circe. *Livros didáticos entre textos e imagens*. In: *O saber histórico na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2010. p.69-89.

CRUZ, Maria de Fátima Berenice da. *Leitura literária na escola: desafios e perspectivas em um leitor* / Maria de Fátima Berenice da Cruz. – Salvador: EDUNEB, 2012. 228p

DERRIDA, Jacques. *Semiologia e Gramatologia: entrevista a Julia Kristeva. Posições*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001, p.23-44.

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador : EDUFBA, 2008. p. 194

KLEIMAN, Ângela. *Letramento e formação do professor: quais as práticas e exigências no local de trabalho?* In: KLEIMAN, Ângela (Org.). *A formação do professor: perspectiva da linguística*. Campinas: Mercado de Letras, 2001, p.39-68.